

Como se percebe, trata-se de uma Igreja moderna para uma sociedade moderna (ou em vias de modernização); de uma "nova evangelização" "em uma nova cultura", a moderna - e "para uma nova cultura", a moderno-cris

Apreciação crítica

A primeira questão que se pode levantar perante tal tese é: como fica o problema da pobreza crescente na AL? Não é esse o grande desafio à fé cristã e à pastoral da Igreja, como o viu o que ^(se pode chamar) ~~historiador~~ a tradição Medellín-Puebla?

O Documento, por sua parte, reconhece a existência desse problema. Fala muitas vezes da "brecha crescente" entre ricos e pobres (135, 190, 226, ~~227~~ 281-282, 300, 396; cf. 204, 240, 243, 433, etc.) Diz mesmo que esse é "o desafio fundamental" (230), uma das "grandes contradições" de nosso Continente (326), "o mais grave problema social" (421).

E quando se pergunta sobre o porquê dessa pobreza crescente, o Documento responde: atraso (200-201). É que a AL estaria fora do processo ^(de desenvolvimento) da economia ~~moderna~~ moderna (256-270, espec. 260). É a velha explicação ^(unilateral) das "etapas do desenvolvimento" da teoria liberal de Rostow et consortes, apenas atualizada. A explicação dialética que afirma ser o subdesenvolvimento não ^(tanto) uma "etapa" ^(quanto um) "produto de estruturas" (DP 30), sobrevive numa espécie de apêndice ("outros fatos"), em que o Documento resolveu encantar a visão sócio-econômica de Puebla, que afinal não podia passar por desconhecida (135-199). Não há, pois, somente atraso, mas também expl^{oração}.

É que saída a Igreja poderia oferecer, segundo o Documento, para esse "gravíssimo problema social" (421)? É uma saída ^(somente) indireta: a pobreza sócio-econômica é enfrentada via evangelização da cultura. Não é esta a "raiz", o "núcleo" de tudo na sociedade (402-414)? Não tem ela um "papel determinante", a título de "matriz" dos sistemas políticos e econômicos (p. 149)?

A verdade é que o Documento não ^(enfrenta colossal) ~~enfrenta~~ o desafio da injustiça social. Evidentemente, ele dá ^(apenas) uma solução cultural a um problema econômico. Os

evidentemente ^{a)} uma quebra da tradição latino-americana, uma revira-volta profunda da caminhada pastoral da Igreja do Continente: ele põe como novo eixo central da evangelização a cultura, e a pobreza/libertação como parte integrada a esse eixo.

Contudo, importa reconhecer que o Documento ^(também) põe o dedo numa questão real: a da cultura, particularmente a moderna, e sua relação com a fé e a Religião popular, no que a tradição Medellín-Puebla trabalhou menos. Que seja preciso enfrentar essa questão, não há a menor dúvida. E tal é o mérito do tema em pauta para Santo Domingo. Mas que seja preciso enforçar essa questão na perspectiva do Documento preparatório, é o que se questiona, sobretudo quando se quer manter fidelidade à caminhada de nossa Igreja desde Medellín.

2ª tese: A Igreja deve enfrentar a cultura adventícia através de uma postura combativa, ou seja, "com força e poder".

Frente ao mundo moderno que vai-se impondo na AL, a missão da Igreja é de enfrentamento, para encontrar nele seu espaço e poder assim evangelizá-lo. Em sua relação com a sociedade secular/secularista, a Igreja aparece como Igreja militante ou combativa. Ela precisa peitar com toda valentia a "cultura adventícia". Seu papel frente à sociedade há de ser ofensivo, agressivo mesmo. A idéia que surge do Documento é o de uma Igreja conquistadora, que parte para uma nova "conquista espiritual", talvez análoga à do início da evangelização do Continente. Dir-se-ia uma Igreja - carro de assalto.

Por isso mesmo ela precisa ter "força e poder" como diz expressamente o Documento (827). Ela deve ter suas mediações próprias na sociedade: seus agentes, suas obras, sua mensagem. Trata-se, pois, de entrar em campanha, de dar batalha, instaurar uma espécie de Kulturkampf religioso, enfim, passar à contra-ofensiva.

A imagem ^{dominante)} da Igreja que se extrai do Documento é a de uma realidade transcendente à história e ^{às)} suas contradições. "Conflitos" só existem na Sociedade (896-932); na Igreja só há "tensões" (913). Dos conflitos sociais

ela nunca é parte (nem mesmo do lado das vítimas), mas apenas mediação de paz (304,327,802,816; cf. 554-556, 561-563). Uma visão transcendentalista análoga se encontra na parte histórica, onde violentos aparecem sobretudo os conquistadores, enquanto que a "Igreja episcopal" emerge antes como reação profética (30,42, 43,47, 49).

Apreciação crítica

Aqui também o Documento inova com respeito à tradição do Vaticano II. Diante, ou melhor, no seio do Mundo, a Igreja não é mais a "igreja serva e pobre", uma igreja rica em fermentos mais que de estruturas, diáspora, mas com profunda ~~espera~~ influência espiritual e moral, uma igreja-serviço, uma igreja-testemunho.

Testemunho? Sim, o Documento fala disso (698-700: três fracos parágrafos). Mas como fala? Põe-no entre os "meios de evangelização". Mesmo meio!

Assim, para o Documento, a relação Igreja-Mundo está longe do diálogo. ^(A) Igreja conquistadora parece dizer ao Mundo: Você precisa de mim e não eu de você.

Nesse sentido, verificam-se no Documento três grandes falhas teológicas. Faltam neles uma adequada teologia do Reino (cf. 900,912-913, p. 151), a perspectiva ecumênica e um mínimo de pneumatologia. Essas são verdadeiras crateras teológicas. Mas que necessidade tem de tudo isso uma Igreja tão segura de si, tão consciente de sua identidade e de sua força?

E nem se pense que lhe falte o ótica do martírio (741,808, etc.). Pois quem entende enfrentar e conquistar a cultura adventícia e moderna deve estar preparado para tudo. Mas onde estariam ^{hoje} esses mártires? ~~podem~~
Os mártires que conhecemos são fruto das pastorais sociais da Igreja realizadas em grupos oprimidos da cidade e do campo.

Sem dúvida, o Documento levanta, aqui também, uma questão muito séria: a da evangelização do mundo urbano moderno, com seus recursos técnicos, sua racionalidade funcional e ao mesmo tempo sua tendência secularista. Também porque pastoral alguma hoje, menos ainda a dos pobres,

pode se desenvolver fora do mundo, de modo isolado, como tentaram missionários proféticos, Las Casas e os Jesuítas, no início da conquista, respectivamente com a experiência Verapaz e as Reduções. Mas, ^(segundo o) ~~Magistério do Vaticano II e particularmente de Paulo VI, em sua admirável~~ ~~Evangelii Nuntiandi~~, a evangelização hoje não pode se dar sem a encarnação na vida do povo, a prioridade do testemunho de vida, o contexto do dialogus salutis e "uma mensagem sobremaneira vigorosa nos nossos dias sobre a libertação" (EN 29). Ora, ~~o~~ ~~o~~ pouco disso tudo se vê no Documento preparatório para Santo Domingo.

3ª tese: Para a conquista da cultura adventícia ou moderna, é preciso que a Igreja da AL esteja bem arregimentada em torno da figura episcopal.

A estrutura interna da Igreja aparece no Documento na forma de uma Igreja-regimento. Sim, pois já que se trata de uma ^{espécie de} guerra, é preciso disciplina ^{de tipo} militar. Uma Igreja militante facilmente se torna uma Igreja militar. Internamente, ela precisa ser uma "Igreja integrada". E isso no duplo nível: ^{da} disciplina ou obediência (934-943) e da doutrina ou ortodoxia (944-947).

Essa integração se parece com a de um regimento: em eixo, vertical, de cima para baixo. É só dar uma olhada ^{na} no capítulo "Agentes de evangelização" (564ss): Papa, Bispos, Padres, Diáconos, Religiosos, Leigos, Seminaristas.

Mas no prosaíco emerge evidente a figura do bispo. É posto como o eixo organizador da Igreja. Tudo o mais se ^{move} ~~estrutura~~ ao redor dele. Os próprios padres aparecem aí cerrando fileiras ao seu redor (575-581). Nesse sentido, o Documento é bastante episcopocêntrico, tanto em sua eclesiologia (Igreja é o Bispo), como também na visão histórica (história episcopal da Igreja da AL). A figura do Bispo ocupa quase todo o cenário eclesial. A eclesiologia dominante ^{aqui} é a de uma Igreja-bispo.

Mais: essa Igreja é integrada pelo topo: o papa é considerado o primeiro "agente" evangelizador da AL (566-568). Sua figura, ao lado da Eucaristia e de Maria, é tida, para além de qualquer outra consideração

teológica, como uma das notas características do catolicismo latino-americano (p. 154). As palavras do papa são muito frequentes no Documento, talvez mesmo a autoridade mais citada, contrastando com uma ausência espantosa de Bíblia, encantonada ⁷⁷²⁻⁷⁷⁵ praticamente a um parágrafo (878-895).
~~praticamente a um parágrafo~~

Seja como fôr, a preocupação pelo princípio da autoridade é em geral forte no Documento. Disso é sintoma o lugar especial que é conferido aos militares na sociedade democrática (362-374) e na pastoral da Igreja (753-756), ^(seu falar ajuda) ~~seu falar ajuda~~ a idéia de uma "sociedade orgânica" ^{mas} com valorização da autoridade" (395).

Apreciação crítica

Essa eclesiologia é fortemente contrastante com a que nos veio do Vaticano II e sua tradição posterior: Medellín-Puebla, Sínodo extraordinário de 1975, Evangelii Nuntiandi, etc. Nestes brilha uma eclesiologia unitária e total, onde a Igreja aparece, como um todo; Povo sacerdotal, profético e régio, toda ela responsável da missão, toda-ministerial, toda-evangelizadora, enfim, uma Igreja-Povo de Deus, uma Igreja-Comunhão.

O Bispo e outros pastores de modo algum perdem aí seu papel. Pelo contrário, sua função é aprofundada, digamos "interiorizada": eles estão no meio da Comunidade, como serviço de comunhão e animação de todo o corpo, que vive e age pelo dinamismo do Espírito, ele que é a fonte e a "alma" da Igreja. Mas sempre que se esquece o Espírito Santo, é qualquer outra coisa que lhe toma o lugar - como disse Congar.

O Documento fala também de "comunhão" (934, por ex.), mas é mais união unilateral com os pastores que verdadeira comun-união, na reciprocidade (939-942)

Agora, a ênfase na "comunhão" com Roma, ^(estrita) na aceção acima, é bastante clara no Documento. Repetem-se quase automaticamente os documentos romanos, sem uma apropriação adequada e mesmo criativa, como na tradição Medellín-Puebla. Parece dar-se assim um simples alinhamento à ^{ordem} ~~ordem~~ ^{de cima} ~~de cima~~. ^(Evidentemente) ~~de cima~~ comunhão nunca pode significar ~~uma~~ submissão ou servilismo. É muito menos capitulação frente a qualquer estratégia centrali-

zadora, ou contra-ofensiva restauradora ~~que confunda catolicidade~~ (que confunda catolicidade
~~com romanismo, indigno aliás da própria Igreja de Roma.)~~ ~~que confunda catolicidade~~
~~com romanismo, indigno aliás da própria Igreja de Roma.)~~

Não possui nossa Igreja suas "invenções" próprias, suas três ou
"marcas registradas", que são a opção preferencial pelos pobres, as C
munidades eclesiais de base e a Teologia da Libertação? Não enriquece
com elas a Igreja universal, que muito sabiamente as incorporou em seu
patrimônio católico e as universalizou, reconhecendo nelas verdadeiras
"redescobertas" de dimensões fundamentais da fé (e assim, de certo modo
"registrando-as")? Renunciaria a Igreja latino-americana a ser Igreja
fonte, como decidiu ser a partir de Medellín, quando assumiu para valer
a identidade cultural da AL e abriu um caminho pastoral próprio, para
voltar a ser uma simples Igreja-reflexo, como foi por quase 500 anos?
Onde ficaria a idéia de uma verdadeira Igreja local ou particular ^{- idéia es} aben
pelo Vaticano II e promovida por Paulo VI (EN 62-65)? A abdicação de
originalidade própria, ou seja de a Igreja na AL ser verdadeiramente
Igreja latino-americana, resultaria num empobrecimento não só do Cont
nente mas de toda a Catolicidade.

De todos os modos, deve-se reconhecer que o Documento não deixa
por um problema real e que ^é preciso aprofundar: a função da hierarquia
numa Igreja renovada. Pois nesse ponto a teologia está longe atrás ou
ao lado da prática. Entretanto, fazê-lo do jeito que propõe o Documen
teria ainda avançar?

4ª tese: Para a evangelização da cultura moderna, a Igreja deve se apoiar
sobretudo nas classes médias urbanas, especialmente nos Movimentos.

O sujeito eclesial mais importante para o Documento são as classes
médias modernas. E isso em dois níveis: como destinatárias e como por-
tadoras privilegiadas da "evangelização em (para) uma nova cultura".
nesses leigos ~~mas~~ ^{parece} que (apostar o Documento). Eles são chamados a ser a nova
base social da Igreja na AL.

Por isso mesmo, os novos Movimentos apostólicos (Opus Dei, Comuni
e Libertação, Renovação Carismática Católica, Cursilhos de Cristandade

72
etc.) são a base de apoio da "Igreja episcopal" na conquista da cultura adventícia urbano-industrial. Para esses Movimentos, o Documento usa expressões como "meios privilegiados" (708) e "lugar preferencial" (530). A opção preferencial pelas classes médias modernas não é, pois, nenhum segredo.

No capítulo sobre os "destinatários da evangelização" (706ss), os "Movimentos apostólicos" são citados em primeiro lugar. Em seguida vêm os "jovens", depois as "elites" - ambos muito próximos dos Movimentos; e só então os "operários", os "camponeses", até chegarmos aos "militares".

Sem dúvida, reconhece o Documento que esses Movimentos não são sem problema, especialmente quanto à sua excessiva independência da autoridade diocesana (510-511, 528-535). Mas que sejam particularmente eficazes para enfrentar os desafios do mundo urbano-industrial, disso o Documento não tem a menor dúvida. Eles seriam nessa empresa como que a "tropa de choque", sob o comando episcopal, tanto mais que sobre os Religiosos, presumivelmente "tropas auxiliares", não dá mais para contar tanto (588-600).

Apreciação crítica

A essa altura chegamos ao ponto mais claro de mudança de orientação, proposta pelo Documento, com respeito à opção preferencial pelos pobres. Esses definitivamente não parecem mais como o eixo pastoral da Igreja latino-americana. Não são mais os sujeitos principais (destinatários e portadores) da evangelização. O eixo agora se desloca para as classes médias urbanas, portadores da modernidade triunfante. Eles é que teriam "força e poder" para enfrentar o secularismo moderno. Pois o que valem os pobres frente à marcha ~~imponente~~ incontrastável da sociedade urbano-industrial? O Documento não o esconde, e diz claramente: "Esta opção dos cristãos (pelos pobres) ainda não consegue ser uma verdadeira alternativa de solução na sociedade latino-americana" (791: nós sublinhamos). Portanto: Pobres? Não é por aí - assim parece pensar o Documento. A Igreja do Continente escolhe outra base social: ela se inclina para as classes médias.

Tudo isso, como se a opção preferencial pelos pobres fosse algo de

aí mais objeto da Igreja que sujeitos dela e da sociedade. A opção preferencial vale sobretudo como critério espiritual para a vida dos pastores (nada é dito dos leigos), mas não critério estrutural da vida e missão da Igreja. Se não ~~estão~~ ^{até} excluídos, estão subordinados. Foi dito: são acessórios.

Ademais, importa notar que a opção preferencial pelas classes modernas marcou fortemente o estilo do Documento. Perdeu-se aí a linguagem da tradição Medellín-Puebla, toda ela atravessada pelo "grito do pobre". Não há profetismo ~~de~~ denúncia (apenas velada: 900, 905, 286), nem há evangelismo de anúncio esperançoso e animador. Aliás, onde está o Evangelho no texto? O discurso está longe da provocação de João Paulo II abrindo Puebla: "Falai com a linguagem do Concílio, de João XXIII, de Paulo VI: é a linguagem da experiência, da dor, da esperança" (3.4). Aí não se sente nenhum pathos ético-religioso, mas o estilo frio e ~~resaca~~ ^{até} maçante, típico da linguagem racionalizadora moderna.

E as CEBs? Como ficam no Documento, de vez que elas são "expressão de amor preferencial pelo povo simples" (DP 643)? Aqui também, entra a estratégia já conhecida: recebem ~~um~~ ^{um} tratamento temático à parte (520-525), além de outras citações esparsas (513, 512, 606, 610, 733, 772, etc.); ~~mas na verdade vêm~~ ^(mas na verdade vêm) integradas dentro de um outro projeto eclesial, no caso, verticalista. As CEBs não são mais "célula" eclesial, como na tradição Medellín-Puebla (DP 641), portanto igreja integral em desenvolvimento, mas apenas "nível" intermédio no esquema de uma Igreja piramidal (513 e 523). Tornaram-se, pois, peça funcional do sistema eclesiástico modernizado.

Fique claro: as CEBs não são de modo algum excluídas, mas "colocadas no seu lugar". E no projeto conquistador do Documento, elas jogam um papel de retaguarda. Na vanguarda avançam agora os Movimentos; os pobres vem atrás, ~~empurrando~~ empurrando suas carrocinhas: as CEBs e as pastorais populares.

E contudo, importa aqui também reconhecer, que o Documento tem o mérito de levantar problemas reais: a questão da modernidade, o lugar das classes médias na Igreja e ~~a legitimidade dos~~ ^(de seus) Movimentos. Isso é verdade.

Mas é também verdade que estas questões têm que ser tratadas em linha de continuidade com nossa tradição latino-americana, portanto numa ótica de libertação dos pobres. Assim, há de se pensar a modernidade a partir de suas vítimas, em vista de uma modernidade libertadora. Igualmente, as classes médias modernas não devem ser excluídas, mas integradas no projeto global da uma Igreja ^(comprometida) ~~libertadora~~ na qual os pobres são, por direito evangélico, protagonistas. O "nicho pastoral" ^(dos não-pobres) está garantido no "preferencial" da expressão; "opção preferencial pelos pobres", e isso contra todo o qualquer sectarismo pastoral. Agora, querer deslocar o eixo dos pobres para a classe média (que integraria os pobres como seus auxiliares), e não o contrário, é quebrar claramente com a tradição Medellín-Puebla e ^(com) a prática pastoral nela implicada.

Para sermos breves: a opção preferencial pelos pobres é ^(irrenunciável) ~~irrenunciável~~ o fio condutor da caminhada de nossa Igreja, e assim há de continuar a ser, se quisermos ser fiéis a Deus e a seu Povo. Arredar o pé disso é ~~preciso~~ recuar, para não dizer trair.

5ª tese: (Assim se garantirá e fortalecerá a identidade religiosa dos povos da AL contra as investidas secularistas da moderna cultura adventícia)

No projeto de conquista da sociedade moderna para a Igreja, a Religião popular representa um patrimônio que a mesma Igreja deve defender e ao mesmo tempo nele se apoiar. Para o Documento, a Religião do povo é a "carteira de identidade" cultural-católica da AL. Como único continente massivamente católico, ^(ela) ~~esta~~ é o "Continente da Esperança" (834: João Paulo II).

Mas a Religiosidade popular é vulnerável: está exposta ao ataque secularizador/secularista da modernidade. Esta ameaça as raízes ^(mesmas) da identidade da AL (432, 343-244). Há, pois, o perigo de a Igreja perder as massas do Continente.

Além disso, a Religião popular tem um inimigo suplementar: as "Seitas e Movimentos religiosos autônomos" (472-493; 370-373).

Ora, só uma Igreja modernizada ^(corretamente), forte e bem inte-

grada internamente, poderá fazer frente ao mundo moderno com armas iguais e com vantagem, protegendo essa reserva religiosa (843), enquanto se apoia ao mesmo tempo nela para dar combate ao secularismo desagregador.

Apreciação crítica

Depois de tudo o que foi dito, não há aqui muito a acrescentar. Só ^{(com relação à modernidade atual, /} lembrar que dar uma resposta apenas religiosa (guardar a fé) é ficar a meio-caminho. É preciso passar ao nível social: desenvolver uma fé libertadora, como fazem, por ex., as CEBs. Porque a modernidade burguesa não é só secularista, mas excludente e injusta. ^(Sem passar a esse nível,) ~~ao contrário~~ ^{Jamais} se irá preparar uma nova fase da modernidade, mais ampla e aberta. Pois um continente, religioso, sim, mas miserável, não tem nenhum futuro garantido.

Seja como fôr, permanece de pé, a questão que o Documento levanta: a de uma pastoral de massas, ~~religiosa~~ Mas então que seja em ótica libertadora e não apenas mantenedora, ainda que modernizadora.

Concluamos

O Documento preparatório para Santo Domingo propõe em suma uma "modernização conservadora" da pastoral na AL. Uma reforma pelo alto. É uma guinada à direita com respeito à tradição Medellín-Puebla. Engana-se quem pensa que se trate de um "à direita, volver!". Não, trata-se de um "à direita, em frente!". O Documento é inteligente e progressista, ao modo das novas elites, ~~pinkixixax~~ ditas "modernas", que estão surgindo no cenário político latino-americano (Collor, ~~procurador~~ Gortari, Llosa, ^{Fujimori} etc.). Ele nos convoca, inclusive, a "modernizarmos" a tradição Medellín-Puebla, com suas "marcas registradas".

Por isso mesmo, uma alternativa possível ao Documento não pode ser ^(na forma) ~~na forma~~ de oposição frontal, termo a termo. Deve antes consistir em apanhar seus desafios na linha da cultura e ressitua-los no eixo de nossa tradição própria, onde a opção pelos pobres é, ^(sem volta,) o eixo organizador. É

ao redor desse eixo que se devem incorporar as questões novas que o Documento indubitavelmente aponta: modernidade, movimentos, ^{nova} função ^{da} (hierarquia, pastoral de massas, etc. Nada, pois, de inventar um novo eixo (a cultura) e integrar aí toda a ~~tradição~~ tradição da Igreja latino-americana.

A ~~diferença~~ alternativa possível ao Documento está ^{numa} ~~na~~ ótica distinta ^{em} prioridades e acentos diferentes. Certo, o tema é o escolhido, mas é ele que deve se agregar à ^{já consagrada} tradição Medellín-Puebla ~~consagrada~~ e não o contrário.

E a essa alternativa deve-se adequar naturalmente também a forma ou o estilo do novo documento. Mais essencial e incisivo. Bíblico. Profético. Sobretudo evangélico, na letra e no espírito. E numa linguagem de experiência e vida.

No mais, a questão é como fazer passar tudo isso: por que caminhos. Aqui entram todas as forças vivas de nossa Igreja, desde as bases até (e principalmente) os bispos.